

INDÚSTRIA DA BELEZA E OS PADRÕES ESTÉTICOS DOS CORPOS: A HARMONIZAÇÃO FACIAL EM UMA REPORTAGEM DA REVISTA VEJA

Eixo Temático 27 – O corpo e o efeito das práticas para além dos órgãos

Edimauro Matheus Carriel Ramos ¹

Youry Souza Marques ²

Cleverson de Oliveira Domingos ³

RESUMO

Os corpos apresentam infinitas possibilidades de ser na sociedade, sendo subjetivados, construídos e educados a partir de diferentes dimensões. Na contemporaneidade, a harmonização facial é uma prática de modificação corporal de grande impacto nas mídias sociais que demandam o corpo perfeito para as *selfies*, nas quais a face é uma das partes do corpo de maior visibilidade. A fim de problematizar essas questões que interpelam os corpos, este estudo busca analisar uma reportagem da Revista Veja sobre a harmonização facial, lançando mão de uma perspectiva metodológica de análise baseada em vertentes pós-críticas. As discussões suscitadas permitem tensionar os diferentes aspectos culturais que exercem pedagogias corporais, as quais buscam disciplinar os corpos aos ideais de beleza hegemônica.

Palavras-chave: Corpos; Harmonização facial; Marcadores; Subjetivação.

INTRODUÇÃO

A harmonização facial envolve um conjunto de procedimentos e técnicas, tais como: preenchimento labial, rinomodelação, bichectomia, lipoaspiração de papada, emagrecimento facial, bioestimuladores de colágeno, *peeling*, aplicação de toxina botulínica, entre outros.

No Brasil, diversos profissionais de acordo com suas áreas de formação estão autorizados a realizar determinados procedimentos e técnicas de harmonização facial, como dermatologistas, cirurgiões-plásticos, cirurgiões-dentistas, biomédicos com especialização em estética, fisioterapeutas dermatofuncionais e farmacêuticos. Na área da Odontologia, usa-se o ter-

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Especializando do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação para a sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), edimauroamos@hotmail.com.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutorando em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especializando do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação para a sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), yurysmsm@gmail.com;

³ Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) e Especializando do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação para a sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), cleversondomingos@gmail.com;

mo “harmonização orofacial”, reconhecida desde 2019 como uma especialidade odontológica de acordo com o Conselho Federal de Odontologia (BRASIL, 2019).

As intervenções de harmonização facial e orofacial tornaram-se bastante procuradas pelas pessoas, por diversos motivos: melhorar a autoestima por não estarem satisfeitas com alguma parte do rosto; ressaltar aspectos e características dele ou torná-lo mais “harmônico e belo”, de acordo com os padrões de beleza e de corpo vigentes na cultura; restaurar partes do rosto, em razão de terem sido deformadas por agressões físicas, acidentes ou mesmo acometidas doenças genéticas, cicatrizes e marcas de nascença no rosto.

Stein e Ribeiro (2019) destacam que os corpos são a base de construção da identidade dos sujeitos, assim como dos discursos que os atravessam por meio da cultura e dos espaços sociais que transitam.

Para Foucault (1998, p. 27), o corpo “é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (FOUCAULT, 1998, p. 27),

Goellner (2003) também vai nos fazer pensar o corpo de modo ampliado:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2003, p. 29).

Atravessado por inúmeros discursos, tecnologias e demais artifícios, o corpo, produzido na hibridização biológica e cultural, ao ser interpelado por práticas sociais, pode criar situações e condições para que sejam rejeitadas algumas subjetividades nossas e possibilitar que outras sejam acionadas (SOUZA, 2005).

Motivado por essas provocações acerca dos corpos e os atravessamentos que o interpelam e o transformam, o presente estudo buscou tecer alguns tensionamentos acerca da harmonização facial, a partir de uma reportagem publicada pela Revista *Veja on-line*.

METODOLOGIA

O presente trabalho surgiu como um empreendimento analítico iniciado na disciplina “Corpos em foco: marcadores, inscrições, subjetivações”, do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação para a Sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos da

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Num exercício reflexivo da disciplina, fomos provocados a selecionar uma reportagem que tratasse de temas relacionados às modificações corporais (*cutting*, tatuagem, *piercing*, esscarificação, entre outros), e analisar como são apresentados os corpos em diálogo ao que é veiculado no texto da matéria.

A partir disso, escolhemos uma reportagem da Revista Veja com a manchete: “Harmonização facial: nova moda entre famosas que buscam a selfie perfeita”. O recorte que fizemos pela reportagem na referida revista se deu pelos seguintes motivos: ser uma revista de prestígio e com acesso aberto ao público; ser uma reportagem em que houvesse diálogos relacionado ao corpo humano; e ser uma reportagem recente com base no ano em que escrevemos o texto (2021), logo escolhemos a publicação de 19 de julho de 2019.

A metodologia deste trabalho é alinhada a uma vertente de análise e descrição sobre os modos que fazemos nossa investigação, pois apoiados em Meyer e Paraíso (2012, p. 18) sabemos que nos aventuramos “[...] a investigar sem ter um caminho seguro a percorrer durante esse processo de pesquisar”. Desse modo, deixamo-nos levar no movimentar-se e fazer analítico com a liberdade e fluidez da metodologia pós-crítica para que em nosso contexto científico possamos alcançar os objetivos traçados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, houve uma alta demanda nas clínicas de estética e nos consultórios médicos e odontológicos pela harmonização facial. Conforme a reportagem, o procedimento estético consiste na aplicação de toxina botulínica e ácido hialurônico para preencher os lábios, arquear sobrancelhas, afinar o nariz e produzir protuberância nos maxilares a fim de deixar o rosto simétrico (BATISTA JR., 2019).

Conhecido popularmente como o “rosto do *Instagram*”, rede social em que as *selfies* (fotos de rosto) são expostas e apreciadas pelos usuários, esse procedimento pode ser considerado como um marcador bio-social de subjetivação do corpo.

Observando o modo como são tratadas tais práticas de modificação corporal na reportagem (figura 1) já de início se observa que estão posicionadas na coluna sobre cultura e não em saúde. Cria-se assim certa expectativa de uma discussão diferenciada. Entretanto, observa-se que o jornalista, produtor da reportagem, faz uma crítica as celebridades e pessoas que fizeram harmonização facial, mas não revelam publicamente.

Figura 1 – Captura de tela de matéria sobre harmonização facial

**Harmonização facial: nova moda entre
famosas que buscam a selfie perfeita**

Maquiagem sutil, queixo pomado, lábios com volume idêntico: como é o tratamento mais adotado por celebridades para atenuar os sinais de envelhecimento



Fonte: <https://veja.abril.com.br/cultura/harmonizacao-facial-nova-moda-entre-famosas-que-buscam-a-selfie-perfeita/>

A matéria objetiva descrever como é o tratamento mais adotado por celebridades para atenuar os sinais de envelhecimento. Rica em informações, a reportagem faz uma certa crítica a ideia de “harmonia” do rosto (citando casos de celebridades que, na realidade, o deformaram com esses procedimentos). Aborda sobre como a medicina estética vem se aperfeiçoando com avanços de técnicas, e também sublinha a influência das redes sociais nas atuais modificações corporais submetidas pelas pessoas (principalmente em adolescentes e mulheres) que buscam falsas realidades dado um recorte temporal e cultural, no caso contemporâneo.

Duarte e Spinelli (2019) relatam que o processo de construção e identificação dos corpos na sociedade ocorre à medida que se internaliza “representações sociais e práticas socioculturais que, por meio da socialização e educação, são tidas como modelos ideais e valorativos, condicionando o comportamento dos sujeitos” (DUARTE; SPINELLI, 2019, p. 131). Com efeito, percebemos que assim vai sendo regulado modos de ser e estar em sociedade e, como foco nas observações aqui feitas, ocorrem padronizações estéticas anatômicas no rosto.

Como já mencionado e estando situado na coluna de cultura, a reportagem da Revista Veja não deixa dúvidas: o corpo não é algo simplesmente “natural”, ele pode ser modificado e a depender daqueles/as que podem, economicamente falando, modificam ele bastante. A harmonização facial é um exemplo de modificação corporal, especificamente, do rosto, na busca pelo “sonho” de ter uma face “bela” e “perfeita”, dentro dos parâmetros ditados pela indústria da beleza, assim como das redes sociais. No início da reportagem é dito assim:

no passado, ter um rosto perfeito exigia um DNA privilegiado ou a ação de um bisturi talentoso. Isso mudou. O código genético ainda tem seu papel, mas agora é o dermatologista que, aos poucos, vem tomando o lugar do cirurgião plástico como realizador de sonhos (BATISTA JR., 2019).

Segundo a reportagem, o retoque dos lábios, o aumento do maxilar, o preenchimento de rugas, vincos e linhas de expressão, o bigode chinês e as maçãs do rosto elevadas são os procedimentos mais procurados, seja por celebridades, seja por pessoas comuns. Também é destacado que as mulheres são as que mais procuram fazer a harmonização facial, embora os homens também começaram a fazer.

Ainda, a reportagem associa a harmonização facial ao crescente uso das redes sociais, em especial, o *Instagram* e o *Facebook*, que são instâncias/locais de compartilhamento de fotos e vídeos entre os/as usuários/as, permitindo aplicar filtros e compartilhar o conteúdo nas demais redes. Também é evidenciado que tais procedimentos acompanham o desenvolvimento tanto da medicina quanto da indústria da beleza.

Ademais, a reportagem descreve casos em que foi preciso internação para retirar os produtos injetáveis, em razão de infecção generalizada e falta de adaptação, citando dois casos envolvendo celebridades. Com isso, evidencia o risco à saúde envolvidos nesses procedimentos e técnicas.

Os procedimentos estéticos, como a harmonização facial, alimentam uma indústria da beleza (farmacêutica, cosmética, médica, entre outras) e são impulsionados por uma ditadura da beleza, que determina padrões estéticos para mulheres e homens. Além disso, a cultura da eterna juventude e o medo do envelhecimento são elementos que encaminham muitas pessoas a procurarem esses tipos de procedimento estético, na busca por suavizar, preencher e retirar rugas, linhas e marcas de expressão.

Para além disso, ser jovem e belo(a) são características que aumentam o *Sex Appeal*, ou seja, o poder de atração, fazendo que a pessoa seja desejada por outras. A leitura da reportagem também deixa evidente que a indústria da beleza não vende apenas “cosméticos, substâncias e procedimentos estéticos”, ela vende sonhos. Esses sonhos vêm carregados de padrões e normas que ditam como se deve ser, andar e apresentar-se, e que corpo deve ter para ser desejado e valorizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo pelo qual olhamos para a presente reportagem, aliado a alguns autores e autoras mobilizados para a presente análise, nos permitiu constatar que a harmonização facial

é um recurso que coloca em xeque a originalidade do humano, revelando o que os corpos se tornaram na época pós-moderna: corpos ciborgues, união entre corpo físico e máquina, natureza e tecnologia (VARES, 2013; TADEU, 2009). Neste aspecto, espera-se do corpo aquilo que é ratificado como saudável e belo, mas quando na verdade esses discursos suscitam práticas corporais que têm como pano de fundo relações de poder e de disciplinamento, a fim de constituir o que é belo e adequado aos gêneros (STEIN; RIBEIRO, 2021).

Por fim, nosso empreendimento analítico sobre o que pode revelar uma reportagem da Revista Veja quanto às práticas de modificação corporal que permeiam a sociedade na contemporaneidade, nos possibilitou observar o seguinte quanto a harmonização facial: há atravessamentos econômicos que condicionam para que alguns sujeitos modifiquem seus corpos e outros não; os padrões estéticos para mulheres e homens que pretendem ter suas faces alteradas são evidentes, entretanto as mulheres ainda são mais interpeladas a cederem a tal padronização por um recorte de gênero; o crescente uso de mídias sociais tem modificado significativamente o campo da medicina pelos apelos fabricados pela autoimagens que os filtros fotográficos do Instagram e do Facebook têm gerado, influenciando assim a indústria da beleza.

Cabe dizer que, neste mundo concreto e imagético, tudo pode o corpo. Influenciado pelos discursos da mídia, da economia, da estética, da medicina, e pelas novas tecnologias e pelos padrões de beleza, o corpo é bombardeado por tais instâncias que demandam e instigam essas transformações, forjando corpos e faces para o alcance de um ideal. O corpo pode, na medida que vem ao encontro dessas interpelações, se transformar para se adequar a um ou diversos mecanismos de subjetivação, tais como a arte, a estética, a religião, a cultura.

O corpo também pode rejeitar os padrões da indústria da beleza e resistir às ideologias e aos discursos que buscam sua alienação, opressão, exploração e submissão a determinados padrões estéticos, de gênero e de sexualidade. Afinal, como diz Grijalva (2020), o corpo é um território político.

Nesse sentido, mesmo que reconheçamos que a harmonização facial e orofacial cumpre muitas vezes o papel de ajudar no resgate e na restauração da autoestima, além de ser usada para reconstruir partes do rosto que sofreram agressões físicas (como em casos de violência contra mulheres), acreditamos que é preciso também desenvolver um olhar crítico sobre esse tipo de procedimento, especialmente, quando é ancorado em padrões de beleza impostos pela mídia e pela indústria da beleza, e amparado nessa busca pela "beleza", pela "eterna juventude" e pelas "selfies perfeitas".

REFERÊNCIAS

BATISTA JR, João. Harmonização facial: nova moda entre famosas que buscam a selfie perfeita. **Revista Veja**. São Paulo, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/harmonizacao-facial-nova-moda-entre-famosas-que-buscam-a-selfie-perfeita/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Conselho Federal de Odontologia. **Resolução CFO-198, de 29 de janeiro de 2019**. Reconhece a Harmonização Orofacial como especialidade odontológica, e dá outras providências. Disponível em: <https://sistemas.cfo.org.br/visualizar/atos/RESOLU%C3%87%C3%83O/SEC/2019/198>. Acesso em: 11 jul. 2022.

DUARTE, Giovana, SPINELLI, Leticia. Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, [s.l.], v. 32, n. 2, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-29.

GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós--críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. O corpo: inscrições do campo biológico e do cotidiano. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 1, 2005.

STEIN, Fabiana Loréa Paganini; RIBEIRO, Paula Regina Costa. A invisibilidade das mulheres nos artigos científicos sobre vigorexia. **Diálogo**, n. 46, p. 01-14, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i46.7005>. Acesso em: 8 jul. 2021.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. *In*: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VARES, Manoela Freitas. Ciborgue: o corpo humano como sistema. 22º ENCONTRO NACIONAL ANPAD. **Anais** [online], 2013, Ecosistemas Estéticos. Belém, 2013.